

MCOF01: A leitura como dispositivo de controle: histórias de poder e resistência

Proponente: Aline Rodrigues (UNEB)

Resumo: Esta oficina visa discutir as condições de possibilidades da leitura, que constituem as relações saber-poder, que, por sua vez, produzem modos de subjetivação produzindo e dividindo sujeitos. Para isso, importa compreender como as relações de poder foram se constituindo de forma a fabricar indivíduos, que, ao mesmo tempo que são subjetivados pela concepção de que ler é decodificar, conforme sedimentado na tradição escolar, atuam como agenciadores desse conceito que, por ter maior visibilidade, está fixado socialmente no e pelo corpo social. Como não é suficiente somente compreender como os saberes sobre leitura se constituem, segundo estudos arqueológicos foucaultianos, nem entender como eles tornam os sujeitos efeitos de poder, conforme estudos genealógicos, é que se pretende discutir leitura nesta oficina tratando-a como um dispositivo de controle, tomando por base os estudos arqueogenealógicos de Foucault (1999, 2002 e 2009). A necessidade de se instalar sobre o próprio dispositivo para compreender seu funcionamento se dá devido às linhas que organizam e sedimentam os sistemas, serem, também, as mesmas que o fraturam. Isso decorre devido às instâncias do saber, poder e subjetividade imprimirem forças que partem de lugares diferentes, o que põe em desequilíbrio, pois, o mesmo sistema, mostrando que seu funcionamento, embora pareça se instalar de forma homogênea, se faz de forma heterogênea, necessidade de instalar esta pesquisa nos conceitos de práticas discursivas de Foucault (2009). Compreender como essas linhas operam revela as configurações de um dispositivo. Para isso, é preciso apreender como as forças atuam, de modo a fazer com que os dispositivos coloquem as linhas que os sustentam ora em condições de proximidade, ora em condições de afastamento. Ora dando luz e voz a uma ordem discursiva, ora apagando e silenciando essa mesma ordem. O que não é ler?

MCOF02: Práticas educativas com canções e o discurso literomusical nas aulas de língua portuguesa

Proponente: Antonio de Jesus Santos (UFBA)

Resumo: O presente minicurso objetiva compartilhar com estudantes de Letras, pesquisadores e professores da Educação Básica práticas de ensino sobre questões de natureza verbomusicais (letra e melodia) e os quatro planos do discurso literomusical (materialidade, evocação de movimentos somáticos, figuração, registro escrito para distribuição comercial – COSTA, 2010), apresentando atividades pedagógicas com o gênero canção, problematizando, ainda, questões ligadas às habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Esta proposta de trabalho estrutura-se didaticamente em três etapas: 1) **Prelúdio** (discussão teórica sobre os constituintes – palavra e som – em gestos de leitura do gênero); 2) **Na Minha Pele, Na Minha Capa** (sugestão de trabalho com produção de texto, a partir do discurso literomusical presente nos álbuns musicais físicos); e 3) **Canções e as Novas Tecnologias** (reflexão sobre as mudanças que as novas tecnologias têm provocado em atividades pedagógicas na era do *Streaming*). As práticas educativas compartilhadas no minicurso estabelecem aproximações entre o universo acadêmico e a realidade escolar no intuito de possibilitar um diálogo entre a pesquisa e o ensino.

MCOF03: A categorização em perspectiva semântico-cognitiva

Proponentes: Lorena Oliveira dos Santos (UFBA) e Neila Maria Oliveira Santana (UNEB)

Resumo: Em Semântica Cognitiva, pesquisadores têm discutido o fenômeno da categorização, que diz respeito à forma como organizamos o conhecimento, de modo que, ao organizá-lo, nos construímos enquanto sujeitos sociognitivamente fundados (VEREZA, 2022). O processo de categorização é orientado por nossas características corpóreas e pelas nossas experiências socioculturais. Sendo assim, a categorização é uma atividade produzida a partir da interação entre os seres humanos e destes com o mundo em que vivem. Desse modo, as categorias não se acham pré-estabelecidas no mundo, prontas para serem compreendidas, elas são construídas a partir da vivência entre os indivíduos nos contextos do cotidiano. No plano deste minicurso, pretendemos discutir a categorização semântico-lexical, demonstrando a dinamicidade categorial de um item léxico que, em diferentes situações comunicativas, pode ser compreendido como parte integrante de categorias diversas. Nesse sentido, vale destacar que, relativamente aos estudos do fenômeno em questão, baseamo-nos em autores como Rosch (1978), Lakoff (1987) e Kleiber (1995). Além disso, pretendemos ampliar o horizonte das discussões já propostas, de tal sorte que, além de dialogar com o aparato teórico da Semântica Cognitiva, produziremos diálogos com a Teoria da Complexidade, trazendo para o debate o pensamento de pesquisadores como Capra (2002), Capra e Luisi (2014), Morin (1999), Maturana e Varela (1984), entre outros, o que se fará por compreender a categorização como um fenômeno complexo.

MCOF04: Na Trilha d'Os Sertões, estudo do livro Os Sertões, de Euclides da Cunha

Proponente: Marcos José de Souza (CEPAF)

Resumo: Leitura de trechos do livro “*Os Sertões*”, de Euclides da Cunha com abordagens dos temas relacionados ao fato histórico ocorrido que o livro revela. Observaremos os aspectos históricos que circundam a obra – contexto político e social brasileiro no final do século XIX, bem como a formação política e acadêmica de Euclides da Cunha, o autor; a poética de elaboração: a) a convocação para cobrir a guerra; b) as entrevistas e pesquisas realizadas, no campo de batalha e, principalmente c) a estrutura – divisão em partes e a ordem delas e d) a linguagem literária em um obra não literária, no sentido estrito do termo, em face das construções frasais, do uso recorrente de metáforas e, por isso, a linguagem poética em vários momento de Os Sertões. Uso de trechos de filmes que abordam a temática.

Programação:

1ª hora e meia – 1º dia

- Apresentação do tema do minicurso e do ministrante; em seguida, leitura de um dia do seu diário, o Diário de uma expedição – 15 minutos;
- Biografia de Euclides da Cunha e o Brasil no final do século XIX – 15 minutos;
- A poética de elaboração do livro e exposição da sua estrutura– 15 minutos;
- Início da leitura de trechos do livro e exposição de trecho do filme Guerra de Canudos 05 minutos- 45 minutos (incluindo o filme);

2ª hora e meia – 2º dia

- Exposição de trecho do filme Paixão e Guerra no sertão de Canudos, de Antonio Olavo – 05 minutos
- Continuação da leitura de trechos do livro – 40 minutos
- Exposição do filme Na Terra do Sol, de Lula Oliveira – 15 minutos
- Conclusão da leitura de trechos do livro – 30 minutos

Observação – a minutagem pode sofrer alteração em face das possíveis intervenções dos cursistas.

MCOF05: Intersemioses dos livros de imagens e dos livros de ilustração na sala de aula

Proponente: Sherry Almeida (UFRPE)

Resumo: As relações artísticas da palavra com a imagem sempre foram motivação para questionamentos no âmbito dos estudos literários. Quando pensamos em ilustração dentro do âmbito literário, é necessário entender as diversas possibilidades de que se valem artistas para contar histórias. Embora pareça ser, o livro com ilustração e o livro de imagens não são o mesmo fenômeno artístico e, portanto, apresentam aspectos estéticos distintos. Grosso modo, nos livros com ilustração, as imagens acompanham uma narrativa, e não são essenciais para a compreensão dos sentidos; já, no livro de imagens, as imagens narram as histórias, utilizando-se ou não do recurso às palavras. Adotamos a perspectiva teórica de Nikolajeva & Scott (2011) sobre o livro ilustrado e sua dupla narrativa (visual e verbal) assim como a duplicação dos demais elementos que o compõem, considerando a natureza dupla do texto, começando pela conceituação e distinção entre as suas semioses que compõem o livro ilustrado: o signo icônico (a linguagem visual) e o signo convencional (a linguagem verbal). Considerando este pressuposto inicial, este curso pretende pensar as múltiplas dinâmicas narrativas criadas pela articulação das palavras e das imagens na relação intersemiótica entre literatura e ilustração, analisando obras tanto infantis quanto adultas para propor sequências didáticas com livros de imagens e livros de ilustração com intuito de promover caminhos para o letramento literário em sala de aula. Para tanto, fundamenta-se teoricamente, ainda, em Belmiro (2011), Cavalcante (2015), Necyk (2007) e Pereira (2009), Plaza (2003) e Cosson (2016).

MCOF06: Letramentos digitais e ensino de Língua Portuguesa: desafios e possibilidades

Proponentes: Andréa Beatriz Hack de Góes (UFBA) e Claudia Norberta dos Santos Amaral (EMITec)

Resumo: A partir do conceito de Letramentos Digitais (DUDENET, et. al, 2016) e seus respectivos desdobramentos, no plural desses letramentos, organizados em quatro focos distintos que comportam diferentes aspectos práticos dessas habilidades e competências em voga num contexto social cada vez mais imerso e dependente das tecnologias digitais, a OFICINA aqui proposta buscará situar essas discussões no contexto da escola, mais especificamente, nas aulas de Língua Portuguesa. O objetivo é demonstrar o quanto essas tecnologias impactam formas de ler, escrever, produzir e compartilhar conhecimentos na atualidade, lançando um olhar crítico e pragmático para seus desafios e possibilidades quando adotados como recursos didáticos e pedagógicos, no entendimento de que muitos professores, mesmo depois da experiência do ensino remoto durante a pandemia, ainda apresentam lacunas na formação e preparo para esse uso pedagógico, ou mesmo resistência e desconfiança. Não advogamos aqui que a didatização de plataformas e softwares digitais seja capaz de operar qualquer “milagre” no âmbito dos processos de ensino e aprendizagem, muitas vezes tão deficitários, porém, defendemos que a escola, para continuar sendo relevante (ROJO, 2013), precisa acompanhar as mudanças da sociedade onde está inserida, de modo a ser capaz de atender as suas demandas formativas. Nesse intuito, a OFICINA se propõe, mediante a realização de atividades práticas embasadas nos pressupostos teóricos supracitados, promover reflexões profícuas a respeito do papel e lugar das tecnologias digitais na escola, analisando criticamente como as pessoas (os alunos) se relacionam com ela no dia-a-dia, demonstrando que tais reflexões podem ser estabelecidas em salas de aula mesmo em instituições de estrutura precária, com poucos ou nenhum recurso tecnológico e conexão com a internet.

MCOF07: HyperDocs como ferramenta metodológica para construção colaborativa de materiais didáticos para ensino de línguas

Proponente: José Ribamar Lopes Batista Junior (CTF-UFPI)

Resumo: HyperDocs são “documentos potencializados com todo o universo de informações que temos disponíveis na internet e em nosso acervo pessoal” (GOOGLE, 2021). Logo, trata-se de uma ferramenta poderosa para aprimorar a experiência de aprendizagem das(os) estudantes. Essa ferramenta possibilita “inserir vídeos, charges, sites, notícias, artigos, formulário, quadro colaborativo, podcasts e dicas para a busca de mais referências” (GOOGLE, 2021). Nesse sentido, o presente minicurso objetiva despertar o interesse das/os professoras(es) de línguas, especialmente da Educação Básica, para construção de atividades didáticas (HyperDocs) por meio das ferramentas Google (e-mail, drive, documentos, apresentações, formulários, planilhas) e Canva (para edição de imagem, de vídeo e construção de slides), no intuito de facilitar o processo de ensino e aprendizagem de línguas (materna ou estrangeira) no contexto do ensino on-line, híbrido e/ou presencial. Para isso, a metodologia da oficina encontra-se dividida em três momentos, a saber: **a)** no primeiro, breve discussão sobre ensino, tecnologia e prática docente, apresentação das ferramentas Google e anotações sobre curadoria e direitos autorais; **b)** no segundo momento, planejamento, criação de formulários, peças de divulgação (no Canva) e construção de slides (no Google Apresentações); **c)** no terceiro e último momento, a produção prática e colaborativa do HyperDocs com as(os) participantes da atividade.

MCOF08: Consciência fonológica e alfabetização: reflexões sobre saberes e práticas

Proponente: José Carlos de França Filho (UFPE)

Resumo: Pretendemos, com este minicurso, proporcionar reflexões a respeito de fundamentos teóricos e metodológicos sobre a consciência fonológica (CF), que possibilitem a apreensão de suas contribuições para o processo de alfabetização, a fim de se pensarem formas de desenvolver um trabalho de reflexão fonológica (RF) que ajude a promover o sucesso dos alfabetizandos. Para tanto, utilizaremos a exposição dialogada e a análise de atividades. O tempo do curso (3h) será dividido em três partes: i) exposição e discussão de pressupostos teóricos sobre o conceito de CF; sua relevância para a alfabetização; início do trabalho com os conhecimentos metafonológicos; seleção/produção de atividades envolvendo tais conhecimentos (1h); ii) exposição e análise de estudo que traz reflexões sobre o conhecimento de professoras alfabetizadoras a respeito da CF – no tocante aos aspectos mencionados – e sobre o trabalho de RF desenvolvido por elas (1h); iii) exposição e análise de diversas possibilidades de atividades para o trabalho de RF, a exemplo da exploração de textos da tradição oral e da literatura infantil, e de jogos (1h). Partimos do pressuposto de que, durante o processo de alfabetização, a criança passa por uma etapa de fonetização da escrita (FERREIRO, 2001; MORAIS, 2004), e de que, portanto, para otimizar tal processo, é necessário também refletir sobre os princípios do sistema de escrita alfabética (SEA) que mobilizam conhecimentos a respeito dos aspectos sonoros das palavras. A CF, portanto, deve fazer parte do rol de saberes dos professores alfabetizadores, visto que se trata de “um grande conjunto ou uma ‘grande constelação’ de habilidades de refletir sobre os segmentos sonoros das palavras” (MORAIS, 2012, p. 84). Com relação ao trabalho de RF, partimos da ideia de que as atividades propostas podem variar devido a diversos fatores, a exemplo da operação realizada pelo aprendiz e do segmento sonoro envolvido.

MCOF09: Oficina de elaboração e aplicação do Teste Cloze

Proponentes: Flavia Oliveira Freitas (UFS) e Keila Vasconcelos Menezes (UFS)

Resumo: As avaliações em larga escala normalmente são associadas a exames como o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) ou ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que aferem o conhecimento dos estudantes oriundos da Educação Básica. Dentre outros conhecimentos, a compreensão leitora é cobrada por ser uma habilidade que afeta a resolução de todas as questões. Entretanto, vale mencionar que os exames elaborados e aplicados pelos docentes ao longo do ano letivo, em suas numerosas turmas, também são uma avaliação em larga escala e variam conforme cada instituição escolar. Destarte, considerando a sala de aula como ambiente de reforço do aprendizado e percebendo a importância de avaliar a compreensão leitora estudantil, propomos uma oficina de elaboração e aplicação do teste ou procedimento *cloze*. O objetivo dessa oficina é o de contribuir com os colegas da Educação Básica quanto a um modo de avaliar e classificar o nível de leitura e o conhecimento leitor de seus estudantes. O teste *cloze* surgiu na psicologia *gestáltica* com a intenção de verificar a eficácia na comunicação, recorrendo à tendência humana de completar um padrão familiar que, na educação, corresponde ao preenchimento de lacunas com palavras funcionais ou lexicais (ABREU *et al*, 2017). Segundo Söhngen (2002), esse procedimento foi proposto por Taylor em 1953 para determinar a leiturabilidade de textos impressos e hoje é empregado em exames de proficiência leitora em língua estrangeira ou em avaliações tanto nas aulas de língua portuguesa quanto de outras matérias escolares, respeitando o padrão de preenchimento de lacunas ou espaços em branco. Após a aplicação desse procedimento, recorreremos à escala de Bormuth (1968), que classifica os níveis de leitura em frustração, instrucional e independente. Espera-se que, com essa oficina, os docentes compreendam a técnica e a repliquem em sala de aula, auxiliando seus estudantes a tornarem-se leitores independentes.

MCOF10: Estudos da significação em sala de aula

Proponentes: Monica Mano Trindade Ferraz (UFPB) e Mariana Lins Escarpinete (UFPB)

Resumo: Pretende-se, com este minicurso, discutir o ensino da Língua Portuguesa, a partir da reflexão sobre as contribuições das áreas da Semântica e da Pragmática nas práticas de leitura, escrita e análise linguística, propondo a instrumentalização dos fenômenos semânticos como consolidadores do ensino de língua materna. De modo mais específico, trataremos da relevância dos estudos lexicais em todos os níveis do ensino, considerando que a compreensão do sentido/significado das palavras e das expressões em contexto é condição para o desenvolvimento das competências e habilidades de compreensão leitora e produção escrita. Ratificando a necessidade de articulação teórico-prática como recurso relevante na formação docente, iniciaremos com a revisão de conceitos básicos, como os níveis de inferência e as relações semântico-lexicais; situaremos tais conceitos nos pressupostos dos documentos direcionadores, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC); em sequência, a partir da análise de gêneros textuais variados, analisaremos como o léxico se constitui na formação de sentido do texto e como ele pode ser trabalhado em sala de aula de Língua Portuguesa para desenvolvimento das diferentes competências linguísticas. Por fim, proporemos a interrelação da discussão teórica com um encaminhamento de elaboração de atividades que servirão de culminância e comprovação da nossa defesa, o que caracteriza prática relevante à formação docente.

MCOF11: Ensino de língua portuguesa numa perspectiva geossociolinguística e etnolinguística: contribuições do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)

Proponentes: Sandra Prudencio (Estácio/UFBA) e Renata Lemos Carvalho (UFBA)

Resumo: Sabe-se que, nas interações verbais, muitos falantes discriminam usos divergentes da norma padrão, mas com grande produtividade nas práticas linguísticas diárias, como os casos de não concordância, o rotacismo, entre outros. Diante de frequentes situações de preconceito linguístico e, conseqüentemente, de exclusão social, vários questionamentos surgem no cotidiano pedagógico do(a) docente de português da educação básica. Documentos oficiais traçam o caminho para a prática profissional do(a) professor(a) de língua portuguesa que contemple, juntamente com as questões linguísticas, o respeito ao cidadão, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) e, posteriormente, a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), o Plano Nacional do Livro Didático, além de portarias e pareceres que tratam de inclusão, questões étnico-raciais e acessibilidade. Porém, para que sejam implementadas algumas ações vinculadas ao ensino de português, estabelecidas nesses documentos, é preciso que sejam considerados resultados de pesquisas científicas que levam em conta a relação indissociável entre o uso da língua e os fatores de natureza extralinguística. Apresentando o cenário do português brasileiro numa perspectiva pluridimensional, tem-se o Atlas Linguísticos do Brasil (ALiB), que possui como um de seus objetivos oferecer aos(as) professores(as) “[...] subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem, com dados linguísticos que venham a possibilitar a adequação do material didático à realidade linguística de cada região e o entendimento do caráter multidialetal do Brasil” (CARDOSO et al., 2014, p.24). A partir de uma abordagem geossociolinguística e etnolinguística, este minicurso apontará conexões entre dados linguísticos registrados no ALiB (e seus respectivos estudos) e a prática de ensino de português, a fim de suscitar no(a) docente ou no(a) futuro(a) docente de língua portuguesa importantes reflexões para a atuação como professor(a)-pesquisador(a) e, em decorrência, para a realização de um trabalho pedagógico mais contextualizado e sensível aos saberes dos(as) estudantes, conduzindo-os(as) a uma aprendizagem mais relevante e efetiva.

MCOF12: Linguagem inclusiva de gênero na sala de aula

Proponente: Raquel Freitag (UFS)

Resumo: Linguagem inclusiva (ou também linguagem neutra) de gênero é o nome dado a um conjunto de estratégias para uma emergência de marcas de gênero não binárias para se referir a pessoas é um efeito de movimentos em busca de igualdade e identidade, reação ao sexismo e à hegemonia do masculino nas línguas. Enquanto em algumas línguas, como no inglês e no sueco, formas de referência não binária já estão consolidadas e em inserção no sistema, em outras línguas, como no espanhol e no português, o processo ainda está em emergência, em um período de menor estabilidade do sistema. Mas, mesmo em comunidades da mesma língua, o processo de emergência de marcas não binárias para a expressão de gênero tem sido percebido de modo diferente, seja com usos e adesões, seja com prescrições e proibições, o que pode ser associado a um alinhamento ideológico progressista ou conservador. Essas marcas emergentes têm chegado à sala de aula, e trazem desafios para as práticas pedagógicas. Embora abarcadas no tratamento à diversidade, direito de aprendizagem expresso pela Base Nacional Comum Curricular, os movimentos ideológicos e as pressões normativas geram inseguranças e desafios. Este minicurso tem por objetivo apresentar um panorama sociolinguístico que subsidie a discussão em sala de aula das relações entre língua e sociedade, discutindo gênero e a gramática.

MCOF13: Sociolinguística Educacional: teoria e aplicação sociopedagógica

Proponente: Fabrício da Silva Amorim (IFBA)

Resumo: No rol dos estudos linguísticos modernos, a Sociolinguística Educacional – também referida como Pedagogia da Variação Linguística (ZILLES; FARACO, 2015) – figura como uma vertente que estabelece princípios e diretrizes para um adequado tratamento da variação linguística no ensino de línguas (BORTONI-RICARDO, 2005; ALMEIDA; BORTONI-RICARDO, 2023). O seu desenvolvimento, essencialmente atrelado a premissas da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972), resultou em importantes impactos teórico-metodológicos para o ensino de língua portuguesa: ao propor, entre outros aspectos, a legitimação sociopedagógica de variedades linguísticas não padrão, a Sociolinguística Educacional tem contribuído para um ensino, sobretudo no eixo gramatical, menos classificatório e mais descritivo, conforme já respaldam documentos oficiais, como os PCN e a BNCC. Por meio de uma discussão pautada por aspectos teóricos e sociopedagógicos, este minicurso se propõe a: (i) descrever a Sociolinguística Educacional como uma vertente que se (re)constitui pela interface entre princípios e descrições (sócio)linguísticas e correntes pedagógicas, como a Pedagogia Decolonial (QUIJANO, 2005); (ii) conduzir as/os participantes a repensarem a abordagem da variação linguística, na Educação Básica, para além das dimensões fonético-fonológica e lexical e (iii) descrever estratégias didáticas para um tratamento devidamente científico da heterogeneidade linguística na aula de português. Assim, este minicurso pretende contribuir para a formação – inicial ou continuada – de professoras(es) de língua portuguesa, fornecendo-lhes aportes que se mostram imprescindíveis para um ensino comprometido com o desenvolvimento de habilidades sociolinguísticas e com o combate ao preconceito linguístico, que tanto fragiliza a autoestima (linguística e identitária) de milhares de brasileiras(os).

MCOF14: A aquisição de línguas adicionais numa perspectiva minimalista

Proponente: Antonio Codina (UEFS)

Resumo: Nas diferentes vertentes teóricas que abordam a aquisição de linguagem, a teoria gerativa inatista de Noam Chomsky desenvolvida desde meados do século passado tem se destacado pela solidez da adequação explicativa frente ao problema lógico da aquisição da linguagem: como uma criança consegue aprender sua língua materna visto que os dados que encontra no seu entorno (os dados linguísticos primários) são insuficientes para que desenvolva esse conhecimento. A partir de 1981, é proposto o que se conhece como o sistema de Princípios e Parâmetros. Nessa proposta, postulam-se uns princípios universais, válidos para todas as línguas, e de parâmetros cujos valores podem mudar dependendo da língua. Outro ponto de inflexão na teoria é o advento do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995). Embora o PM ainda faça parte do quadro de Princípios e Parâmetros, o modo como se considera a faculdade da linguagem muda substancialmente, chegando a uma simplificação do aparelho teórico-descritivo. Entretanto, ainda que a teoria chomskiana explique a aquisição de uma L1 pressupondo um componente inato, a GU, o estado inicial de uma gramática possível, algumas questões surgem ao aceitar este pressuposto: se a aquisição da L1 é inata e tão natural e fácil, por que temos tantas dificuldades em adquirir outras línguas? E por que o processo é tão diferente e os estados finais tão divergentes quando comparados com a uniformidade do processo e do estado final em L1? Neste curso, exploraremos essa questão, mostrando como as dificuldades enfrentadas por alunos de línguas adicionais estariam relacionadas a traços funcionais específicas de seu léxico de L1 e a incompatibilidade desses traços com os da língua adicional. Partiremos do pressuposto que o estado inicial da língua adicional é a L1 do falante (ou outras gramáticas) e não um estado de gramática “zero”. Dentro dessa proposta minimalista, adotaremos a visão da aquisição baseada na hierarquia de parâmetros (ROBERTS, 2019). A proposta de Roberts postula que há uma hierarquia de parâmetros: Macroparâmetros, Mesoparâmetros, Microparâmetros e Nanoparâmetros que organiza a variação linguística e auxilia a criança no processo de aquisição. Adaptaremos essa proposta para a aquisição de línguas adicionais e tentaremos explicar como essa aquisição se dá.

MCOF15: Estratégias didáticas para abordar a transcrição da fala na escrita

Proponentes: Silvana Santos Damasceno Nascimento (UEFS) e Ludquellen Braga Dias (UFBA)

Resumo: O presente minicurso objetiva compartilhar com estudantes de Letras, pesquisadores, alunos e professores da Educação Básica uma prática de ensino acerca de aspectos fonológicos relacionados à interferência da fala na escrita. Sob tal perspectiva, a partir de considerações sobre a teoria métrica da sílaba, Collischonn (2010), e sobre os conceitos de alfabetização e letramento: Morais (2010), Lemle (1987), Soares (2018), e Mollica (2003) serão exploradas questões de natureza fono-ortográfica nas quais se evidenciam o apagamento do rótico em final de sílaba, como em “melho” (melhor), “gafo” (garfo), “corre” (correr). Tendo em vista a grande dificuldade encontrada por estudantes da Educação Básica ao escrever de acordo com a ortografia oficial do português, objetiva-se, com este minicurso, apresentar propostas de atividades que contribuam para reduzir o percentual de erros ortográficos nas produções escritas a partir do desenvolvimento da consciência fonológica. O minicurso é motivado pelos resultados de uma pesquisa (NASCIMENTO, 2019) acerca da importância da consciência fonológica para o aprimoramento da escrita. A referida pesquisa consistiu de um estudo de cunho etnográfico por meio do qual foram analisados os casos de erros de escrita mais frequentes nas produções dos alunos. Os dados obtidos permitiram identificar problemas ortográficos motivados por influência da fala e orientaram a elaboração das atividades pedagógicas com vistas a reduzir o percentual de ocorrências nas produções textuais dos estudantes. A intervenção didática considerou, entre outros aspectos, questões relacionadas à consciência fonoarticulatória e à constituição silábica do português, e evidenciou a importância da interlocução entre pesquisa e ensino. Nesse sentido, a proposição deste minicurso visa ao atendimento do propósito de estabelecer uma relação dialógica entre as ciências da linguagem e as necessidades do contexto escolar no que diz respeito ao ensino da língua materna.

MCOF16: Autoria, letramento literário e digital na educação básica: estratégias para dialogar com os direitos humanos

Proponente: Maria Eneida Matos da Rosa (IFB)

Resumo: Este minicurso, que nasceu dos encontros formativos realizados pelo grupo de pesquisa “Nas redes da literatura”, tem por objetivo trabalhar e refletir sobre o zine como um gênero textual, literário e digital acessível para as práticas de ensino em sala de aula. Por meio deste minicurso, propõe-se discutir também a possibilidade de inserção dos direitos humanos como um tema a ser explorado em aula, por meio do apoio e diálogo com a literatura. Pretende-se apresentar as etapas do trabalho que se iniciam a partir da escolha do tema, o gênero textual principal e os gêneros de apoio, possíveis conteúdos que podem ser explorados e alguns resultados alcançados com o trabalho realizado em turmas de 3º ano do ensino médio. A ideia é promover a reflexão e *a posteriori* sugestão de temas, subtemas e narrativas que possam ser exploradas e promovam o letramento literário e digital, bem como a elaboração de um esboço de zine (boneco). Espera-se ainda que os participantes tenham entendido o zine como um gênero textual, literário e digital viável para as práticas de ensino voltadas para o letramento literário.

MCOF17: Letramento visual e Argumentação

Proponentes: Isabel Cristina Michelan de Azevedo (UFS/UEFS) e Vanesca Carvalho Leal (UFS)

Resumo: Pesquisas acadêmicas e profissionais têm apontado possibilidades didáticas para o trabalho com o letramento visual, relacionado aos aspectos argumentativos, entretanto nem sempre são suficientes para discutir como impactam as práticas de linguagem em sociedade e nem sempre chegam ao conhecimento dos professores que trabalham com estudantes matriculados na educação básica. Assim, neste minicurso temos interesse em aprofundar métodos de análise relativos aos papéis argumentativos e aos valores retóricos em gêneros multimodais, com particular atenção para o entendimento da significação decorrente do uso de elementos visuais. Propomos, então, apresentar uma alternativa que sirva de base para articulação entre a argumentação e o letramento visual, no sentido de direcionar sistematicamente uma proposta pedagógica. Para tanto, consideram-se os métodos analíticos apresentados por (1) Leal (2021) em relação (2) às técnicas argumentativas, baseadas na Nova Retórica, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), e nas concepções de (2) Gonçalves-Segundo (2021). O percurso didático que será apresentado considera os eixos de integração sugeridos pela *Base Nacional Comum Curricular*, na área de Língua Portuguesa, pois estão vinculadas às práticas de linguagem: leitura, oralidade, análise linguística e produção escrita e semiótica (BRASIL, 2018), e noções próprias da argumentação multimodal. A título de ilustração, serão analisados exemplares do gênero infográfico e de fotorreportagem, a fim de indicar possibilidades para o ensino-aprendizagem desses gêneros na educação básica. Em síntese, os professores terão acesso a uma proposta sistematizada, que considera as práticas sociais de linguagem, para que o(a) professor(a) tenha uma referência de como encaminhar uma prática pedagógica, associada ao estudo de um gênero multimodal e ao da argumentação na educação básica.

MCOF18: A Tradução Pedagógica como Prática Educativa na escola básica: caminhos e perspectivas

Proponente: Shirlei Moreira (UEFS)

Resumo: A presente proposta de minicurso está inserida no âmbito da Linguística Aplicada e tem como objetivo refletir sobre a tradução pedagógica como prática educativa no ensino de Língua Inglesa. Através das discussões sobre o ensino de Tradução, considerando as demandas sociais, políticas e ideológicas implicadas nessa prática, buscaremos traçar caminhos para um ensino de tradução mais significativo na sala de aula da educação básica. Almejamos, portanto, pensar em práticas pedagógicas tradutórias que sejam um ponto de convergência entre a ressignificação do uso da tradução nas aulas de língua inglesa e o ensino de língua na abordagem intercultural. A tradução, na sala de aula da escola básica, precisa ser vista como uma estratégia que auxilia o professor a trabalhar aspectos lexicais, gramaticais, semânticos e pragmáticos da língua, enquanto desenvolve a competência intercultural do aprendiz através dos distanciamentos e aproximações das línguas-culturas trabalhadas. O presente minicurso oferecerá uma oportunidade para os professores pensarem e discutirem sobre a noção de Língua que defendem, que reverbera na Língua e na Tradução que ensinam, através de questionamentos e exemplos teóricos e práticos. O ensino da Tradução Pedagógica pode tornar a aula de Língua estrangeira um lugar impregnado de significados culturais, além dos linguísticos. A ressignificação da condução do ensino da tradução por parte do professor-mediador, transforma a aula de inglês em um espaço pluricultural, que viabiliza o trânsito fluído entre as línguas-culturas, favorecendo as demandas do mundo globalizado e as demandas locais e individuais, alcançando, assim, de forma mais significativa os seus aprendizes.

MCOF19: Análise Crítica de Discurso, perspectivas decoloniais/contracoloniais e lutas antifascistas e antirracistas e educação linguística

Proponentes: Lívia Márcia Tiba Radis Baptista (UFBA) e Tiago Alves Nunes (SEDUC/CE)

Resumo: Neste minicurso pretendemos expandir o diálogo entre a Análise Crítica do Discurso, com foco na abordagem sociocognitiva de van Dijk e a Linguística Aplicada em sintonia com as vertentes decoloniais/contracoloniais, com ênfase nas contribuições desses campos para as lutas antifascistas e antirracistas no Brasil. Portanto, nosso tema e proposta envolvem práticas de linguagem, ideologias e lutas antifascistas e antirracistas, por meio de uma possível convergência entre perspectivas decoloniais/contracoloniais e estudos críticos de linguagem. Em um primeiro momento, destacamos o compromisso e participação desses campos nas lutas historicamente instituídas contra as desigualdades e iniquidades no mundo e a proposição de outras éticas de vida no Sul Global, no que tange a superação dos processos de dominação e vulnerabilização de grupos minoritarizados. Ressaltamos como as práticas de linguagem são fulcrais para a manutenção e para a superação e desestabilização desses sistemas-mundo, especialmente, das ideologias e práticas (neo)fascistas e racistas que evidenciam os vínculos históricos entre racismo, fascismo e dominação imperialista. Em seguida, apresentaremos exemplos que incitem reavaliação e crítica acerca da produção, difusão e acesso aos discursos que (re)produzem ideologias e práticas (neo)fascistas e racistas que performam padrões de violência, ódio, discriminação e abuso de poder/força, sobretudo, através dos espaços midiáticos e das interações cotidianas. Em nossa discussão, priorizamos exemplos que sugerem como as práticas de linguagem longe de serem neutras, definem modelos mentais e como esses orientam atitudes, ações e atuações no mundo. Este minicurso convida estudantes, pesquisadores e professores, bem como comunidade que estejam interessados e se sintam tocados pelo tema em tela, considerando a emersão de vias para visibilizar como operam a (re)produção discursiva de poder e os discursos de resistência e como provocam e promovem mudanças conceptuais, atitudinais, éticas, políticas, estéticas que impulsionam as lutas antifascistas e antirracistas, com destaque para a educação linguística.

MCOF20: Os movimentos negros soteropolitanos e suas pedagogias

Proponente: Erika Araujo (UFBA)

Resumo: O minicurso Os Movimentos Negros Soteropolitanos e suas Pedagogias se justifica pela necessidade de discutir e reafirmar, no espaço acadêmico, a importância dos movimentos negros brasileiros, neste caso os de Salvador, como propulsores de práxis e propostas pedagógicas contrárias à ordem hegemônica. Sabemos que os saberes e pedagogias construídos nas lutas dos movimentos negros têm sido importantes para educar a sociedade brasileira no que diz respeito as relações étnico-raciais e como as proposições educativas desses movimentos têm influenciado o pensamento educacional brasileiro, no entanto, poucas vezes, durante nossa formação inicial como professoras e professores, essa discussão aparece como referencial. As pedagogias desses movimentos são apagadas ou minimizadas, por isso, é importante reafirmar o que nos ensina a professora Nilma Lino Gomes: o Movimento Negro é um educador. Contextualização do Movimento Negro no Brasil. A trajetória social e política do Movimento Negro. Estratégias de mobilização do Movimento Negro no Brasil. Relações raciais e as propostas educativas. O Movimento Negro Educador em Salvador. Expressões do Movimento Negro em Salvador. As estratégias de atuação e difusão do Núcleo Cultural Afro-brasileiro (NCAB). A Escola Criativa Olodum (ECO). A Escola Alexandrina dos Santos Pita. A associação Educativa e Social Didá. A Escola B da Batekoo.

MCOF21: A voz estudantil no púlpito

Proponente: Mari Lourdes Santos Lima (UNICAMP)

Resumo: O minicurso “A voz estudantil no púlpito” é um recorte da pesquisa “O espaço do púlpito como caminho para o diálogo entre o professor e o aluno: você fala, eu escuto” desenvolvida no Programa de Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) na Universidade Federal da Bahia entre 2018 a 2020. O ensino de língua na Educação Básica constitui um debate importante para pensar aprendizagens que promovam interações na sala de aula. Essa interlocução constrói conversas entre estudantes e professor (a), que alinham conhecimentos sobre si e sobre os outros. Nesse sentido, o púlpito, na aula de língua, é a tribuna para oportunizar a exposição oral de estudantes que foram afetados pelo diálogo com seus interlocutores nesse espaço escolar. Em função disso, o curso delineia trocas com educadorxs sobre sentidos e práticas emancipatórias que promovam uma educação antirracista. Então, este trabalho visa discutir o espaço político do púlpito na escola, mobilizando práticas de leitura e escrita de discursos antirracistas a partir de reflexões sobre discursos de defesa de uma causa de Marielle Franco e discursos de denúncia de Sojourner Truth. Esta proposta se organiza em três momentos dedicados a estudos teóricos, à escrita colaborativa de discursos e à exposição dos textos. Estudos de letramento antirracista, gêneros discursivos e oralidade são fundamentos teóricos para pautas desses debates. E a retextualização é uma escolha metodológica para mobilizar percepções analíticas relativas à forma composicional, ao tema e ao estilo dos discursos das autoras citadas. Assim, espera-se que este trabalho oportunize formas de acolher a voz estudantil na aula de língua e em outros espaços possíveis a essa escuta.

MCOF22: Para além do que nos contaram: questões étnico-raciais para a formação de professores de língua inglesa em Jamaica

Proponente: Cíntia Bárbara Silva Borges (UFBA)

Resumo: O presente minicurso busca compreender como as questões étnico-raciais atravessam as relações que se estabelecem a partir da língua(gem) na sociedade centro-americana jamaicana e seus desdobramentos para a formação de professores de língua inglesa. Sendo assim, este se justifica por discutir a Jamaica a partir da percepção como um território de múltiplos fenômenos socioculturais enviesados por questões étnico-raciais, resultantes das complexidades históricas de colonização britânica, que o conformou. Tendo em vista esses aspectos é salutar perceber como esses fenômenos impactaram a formação de professores de língua inglesa e de que modo pode-se repensar essa formação levando em consideração a descentralização hegemônica no que se refere a questões de língua e linguagem. Outrossim, os aportes teóricos estão em diálogos a partir dos seguintes estudiosos. A saber: Baptista; López Gopar (2019); Fanon(2008); Hall (2016); hooks(2017, 2015); Santos (2020); dentre outros. Por fim, o minicurso se organizará em duas partes, sendo elas teórica e prática, com metodologia dialogada, buscando refletir tais discussões em suas práxis pedagógicas, no que concerne, o entrelaçamentos entre língua(gem), poder, cultura e representações; a contextualização histórico-cultural da América Central; as questões étnico-raciais em contexto centroamericano jamaicano; os aspectos comparativos na dimensão Brasil e Jamaica sobre os parâmetros legais concernentes às relações étnico-raciais na formação docente.